

DOSSIÊ IMPROVISAZÃO E LINHA DA VIDA

APRESENTAÇÃO

A simultaneidade da invenção com a ação artística é um ato de busca ágil e construtiva, essencialmente democrática, que encontra as resistências da sintonia com nosso lugar no mundo. Improvisação é cooperação e o poder da generosidade em ação dentro de atos coletivos responsáveis pela nossa própria evolução como espécie. Evoluir consistentemente é feito por meio da formação de comunidades sólidas com base no princípio do benefício mútuo, uma ação inteligente e poderosa que garante uma sobrevivência em conjunto mais completa do que a individual. Porém, as dinâmicas da improvisação se movimentam dentro de incessantes contradições e paradoxos, tensões necessárias para criações consistentes e profundas que se traduzem não somente em um resultado artístico, mas deixam aflorar formas e conteúdos advindos de modos de ver e sentir o mundo. Improvisar é ensinar e aprender em uma troca constante de ações simbióticas impregnadas de generosidade. É uma performance da alma.

Gostaríamos de adotar o prisma que vê a improvisação como sublimar em qualquer ato de criação, pois este é sempre antecedido por um movimento que advém de um impulso criativo da invenção no momento, um ato de improvisação que está sujeito a diversos fatores catalizadores presentes no meio e na subjetividade do inventor: a memória, a interação, a imprevisibilidade e as contingências. De fato, poucos seriam contrários à afirmação que estipula que a vida de uma performance é mais viva quando experimentada ao vivo e de que, como Rogério Costa nos diz em seu artigo neste dossiê: “viver é improvisar”. O título deste dossiê exprime justamente esse tipo de correspondência. Trazida da composição gráfica de 193 páginas de Cornelius Cardew intitulada *Treatise*, a “linha da vida” é uma representação gráfica da continuidade, a *anima* constante representada por uma linha preta presente em todas as páginas da obra. Ousamos então sugerir de que recai este tipo de unicidade na improvisação pelo seu rol ontológico no desenvolvimento pleno de nossas atividades físico mentais, um fio epistemológico que nutre o *actus* com a destreza e profundidade acumuladas pela experiência. A improvisação é então uma possível representação da linha da vida.

Neste dossiê apresentamos artigos que expõem o uso da improvisação não somente de forma multidisciplinar, mas também discutem as implicações sócio-políticas intrínsecas em suas dinâmicas de interação e a miríade de possibilidades trazida pelos diversos graus de hibridismo em processos de composição artística propriamente dita. Desta forma, traz-se à tona o uso da improvisação na música, dança e teatro partindo do princípio de que, embora as diferentes artes “falem” suas próprias “línguas” e que não é sempre factível traduzi-las diretamente de uma arte para outra, existe um nível básico, ontológico, de onde tudo emerge. É nesse nível que a interação pode se dar diretamente e no qual a sócio-gênese ocorre em um processo criativo de igualdade social nutrido pela incorporação das diversidades. A interação profunda só é possível enquanto esta ética se consolida no intercâmbio artístico. Do ponto de vista do hibridismo na prática da improvisação, vemos a possibilidade de pensar em diferentes teores numa linha que vai de conceitos de “pureza extremista” da improvisação livre, como os defendidos por Derek Bailey e Viktor Globokar, que a consideram um *ethos*, de alto teor de imprevisibilidade que se alimenta de um posicionamento político anticapitalista, que repudia as velhas e petrificadas linguagens artísticas burguesas, até uma linguagem artística completamente planejada, composta. O entrevistado nesta edição, Richard Barrett, é um exemplo de músico que explora todo esse leque de possibilidades entre a improvisação e a composição, propondo a chamada por ele de *seeded improvisation*, ou improvisação semeada/fecundada, que traz a ideia de tratar música improvisada e música notada não como dois tipos distintos de música mas como duas estratégias diferentes de composição musical. Assim, Barrett propõe diferentes combinações de música notada e improvisação. De certa forma a composição se torna uma escultura fixa que é resultado de diversos processos de diferentes teores de improvisação. Se considerarmos esses dois pontos opostos, o da extrema imprevisibilidade e o da muita previsibilidade, abre-se a possibilidade de usar teores distintos ao encontrar pontos entre os dois opostos que determinem proporções de quanto de um e do outro se opta na performance. É esta possibilidade de escolher distintos tipos de contingências relacionadas a diferentes graus de previsibilidade que pode enriquecer criações fascinantemente complexas e inspiradoras que abraçam a improvisação como a linha da vida.

O primeiro artigo, *Música e imagem: reflexões sobre uma “improvisação livre coletiva” inspirada na pintura “O Pescador” de Tarsila do Amaral*, relata um trabalho realizado no Projeto Guri, São Paulo, de forma virtual durante a pandemia, que consistiu da composição coletiva de uma suíte em homenagem à pintora Tarsila do Amaral com o objetivo de celebrar o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922. Esta proposta mistura música e os resultados de processos de composição musical com eventos de improvisação livre.

No segundo escrito, *Improvisação em camadas: as abordagens somáticas construindo a preparação corporal voltada para o dançarino-improvisador em contextos urbanos*, as autoras analisam as dinâmicas entre percepção interna, estrutural e estruturante do improvisador em dança nos contextos de uma oficina artístico-pedagógica na Universidade Federal de Uberlândia e nos processos de relação poética dos corpos com o espaço urbano em um projeto de dança na cidade de São Paulo.

Terceiramente, o texto *Improvisação idiomática sobre harmonia anamórfica*, aborda improvisação idiomática da música popular na confecção de 5 peças musicais dentro da realização de um programa de mestrado que se utiliza das propostas rítmicas deixadas pelo violinista e teórico José Gramani.

Em quarto lugar, lemos um artigo dedicado à música e política: *A improvisação musical como ação política*, que propõe aprofundar reflexões com respeito às dimensões políticas da improvisação musical, investigando de que formas a improvisação pode se estabelecer como ação política contra formas de opressão que ocorrem na sociedade contemporânea.

O quinto documento, *Escritos sobre improvisar na vidança (de uma não-binária em permanente transição espiralar)*, é uma reflexão que busca entender a experiência da transgeneridade não-binária na dança improvisada. Uma experiência de liminaridade permanente, onde um corpo se nega a identificar-se com uma estabilidade social fixa, buscando seu próprio movimento interno e outras possibilidades de relação com o mundo.

Artigo número seis, apresenta *Golpes de facção: a rabeca e as formas do fogo*, que apresenta um relato de experiência na escolha e uso das possibilidades da rabeca. Com foco nos instrumentos elaborados por Seu Nelson, e dentro da improvisação musical, o autor considera o instrumento uma relíquia pré-industrial que continua viva,

que oferece perspectivas que escapam ao domínio ideológico na sociedade capitalista e considera a heterogeneidade de sua construção como uma característica benéfica desde o ponto de vista de riqueza sonora para a prática da improvisação.

Andanças improvisatórias: Do corpo dinâmico à memória poética é o sétimo artigo, que discute a prática da improvisação na composição e performance como propostas em um curso de graduação em música, explorando experiências corporificadas e imersivas dentro de processos composicionais derivados da improvisação.

O oitavo artigo, *El espacio para generar encuentro se halla en ruinas*, polemiza a situação da improvisação livre na América Latina partindo de pressuposto de que a falta de descolonização presente neste lado do mundo, somado à forte influência dos preceitos neoliberais nas políticas culturais de cada reigião, a convertem em uma arte de resistência.

O artigo número nove se desenvolve a partir do título: *Aportes a um processo colaborativo de criação musical: criação de performances a partir de livre improvisação - vias de acesso a um corpo improvisador*. Com um viés multidisciplinar, este artigo reúne a improvisação livre na música, teatro e dança com o objetivo de entender a gênese criativa e os processos subjetivos da improvisação colaborativa em interação com o meio e o público adotando uma aproximação artística e pedagógica.

Finalmente, a entrevista com o compositor/improvisador galês Richard Barrett apresenta aspectos de sua multifacetada experiência nos campos da música, educação, filosofia e política e sua visão da improvisação como um método de composição no lugar de uma forma oposta de criação musical formal.

Desejo uma ótima leitura!

Cesar Marino Villavicencio